

Identidade cultural e tradição oral na Ação Griô no Centro Cultural Cartola-Mangueira/RJ

Cibele Mariano Vaz¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

cibelevez@gmail.com

Regina Gloria Nunes Andrade²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

reginagna@terra.com.br

Este estudo pretendeu compreender as formas de apropriação e produção de sentido no estabelecimento das relações entre identidade cultural e a tradição oral desenvolvidos na Ação Griô do Centro Cultural Cartola (CCC), realizando um Grupo Operativo com crianças que frequentam o CCC, levando-se em consideração, ainda, o espaço em que habitam. Partiu-se da análise dos recursos utilizados por elas no enfrentamento da realidade social na qual estão inseridas. A partir destes objetivos investigou-se as formas de relações estabelecidas entre as crianças, no grupo desenvolvido e nas relações estabelecidas no CCC. Objetivou-se ainda identificar como as crianças percebem subjetivamente suas vidas e suas perspectivas futuras.

Desse modo, a presente pesquisa almeja contribuir para discussão acerca do acesso à cultura pela tradição oral como potencial transformador da posição do sujeito em seu contexto social. Acreditando que o território em que se vive exerce influencia na constituição da identidade cultural, assim, o reconhecimento da pluralidade cultural propicia ampliar o sentimento de pertença e ressignificar a atuação do sujeito em seu meio social, que passa de consumidor dos processos culturais a produtor de cultura, adotando uma postura crítica em relação à cultura que consome e produz.

¹ Doutoranda e Mestre (2009) em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Especialista em Psicoterapia de Criança, Casal e Família (2008), em Gestalt-terapia (2006) e Graduada em Psicologia (2003) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás

² Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988). Pós-Doutora pela Université de Paris V - René Descartes (1992), pela Universidade Federal da Bahia (2000) e pela Universidade Federal Fluminense (2008). Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

MANGUEIRA: A CULTURA COMUNITÁRIA E O CENTRO CULTURAL CARTOLA

Localizada na Zona Central da cidade do Rio de Janeiro, a Mangueira começou seu processo de ocupação no final do século XIX. Dados da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de acordo com Constant (2007), mostram que ela é a terceira favela mais antiga da cidade, tendo sido precedida apenas pelos morros da Providência e de Santo Antônio.

Por ser uma região onde havia muitos pés de manga, ficou popularmente conhecida como Morro da Mangueira. Em 1889, quando foi inaugurada a Central do Brasil, a estação, que ficava vizinha ao morro, foi chamada de Estação Mangueira, oficializando o nome do lugar.

Atualmente, a Mangueira é a nona maior favela do Rio de Janeiro, com população de 17.860 moradores, o que corresponde, aproximadamente, a 4 mil famílias³. Para a Griô do CCC, as famílias numerosas são uma herança africana, contada na história do livro *África meu pequeno Chaka* (19/03/2008), na qual dona Kadidja, avó do pequeno Chaka, conta que teve 13 filhos. A Griô comenta: “As famílias dos africanos eram reprodutoras, tinham muitos filhos. As famílias da Mangueira, descendentes dos africanos, têm muitos filhos também”.

A organização social na Mangueira, segundo Costa (2002), aconteceu por intermédio da música, do carnaval e do futebol – veículos por meio dos quais os acontecimentos da comunidade se inseriam na sociedade.

Fundada em 28 de abril de 1928, na casa de Euclides Roberto dos Santos, no Buraco Quente, a *Estação Primeira de Mangueira* contou com a presença, registrada em ata, além do dono da casa, de Saturnino (pai de D. Neuma), Marcelino José Claudino, o Massu, Angenor de Oliveira, o Cartola, José Gomes da Costa, o Zé Espinguela, Pedro Caim e Abelardo da Bolina. O nome e as cores – verde e rosa – foram escolhidos por Cartola, que foi também o compositor do primeiro samba, juntamente com Carlos Cachça e o primeiro diretor da Ala dos Compositores. Ficaram, assim, organizados o desfile de carnaval e o espaço de sociabilidade entre a comunidade e a cidade.

³ Disponível em: www.mangueira.com.br. Acessado em: 20 de jul. de 2009.

A Estação Primeira alçou a Mangueira ao mundo, por conferir a ela *status* de patrimônio cultural e local de nascimento ou moradia de grandes poetas do samba. Por sua trajetória dos bairros populares e das favelas à sociedade como um todo, o samba se destacou como principal elemento integrador desse processo. Sem dúvida, a música, em seus diversos ritmos e a Escola de Samba constituíram-se, ao longo do tempo, como mediadores do diálogo entre a favela e a cidade, ao desempenharem uma adesão de realidades sociais heterogêneas.

Por ser considerada uma referência no cenário cultural carioca, o orgulho de ser mangueirense fica evidente no discurso dos moradores. Constant (2007) relata que “ser da Mangueira” significa muito mais que apenas habitar uma favela ou ser filiado a uma escola de samba; “ser da Mangueira” significa pertencer a um grupo social rico em seus valores e cultura. Consoante entendimento apresentam Maia e Krapp (2005), ao afirmarem que há, por parte dos moradores, um evidente sentimento de orgulho em pertencer à Mangueira.

A riqueza simbólica da Mangueira é inegável e vem expressa na construção/reconstrução de mapeamentos e imaginários que perpassam grupos e regiões locais, na linguagem através de gírias e de vícios de linguagem, compreendidos por todos os moradores. É um espaço simbólico que propicia entendimento entre jovens ou velhos, ou entre moradores de diferentes regiões da Mangueira. Maia e Krapp (2005) relatam a possibilidade de, ao passar-se por becos e ruelas, desfrutar-se das histórias cotidianas, compartilhadas pela expressão oral dos habitantes.

A maneira como as relações na Mangueira são estabelecidas, de forma a reforçarem a produção de uma cultura plural, criativa e de resistência aos processos de massificação e totalização, permite ao mangueirense conceber um sentido específico para o local.

A Mangueira consolidou-se, na cena carioca, como berço rico em cultura, criatividade e força para superar dificuldades – poucos recursos, repressão policial e atuação do tráfico – sem nunca deixar que suas manifestações culturais desaparecessem. Isso foi possível por intermédio de iniciativas pessoais, coletivas e institucionais, ao serem implantados diversos projetos sociais direcionados aos moradores e também em homenagem aos seus baluartes.

A frase de Nelson Sargento “*Cartola não existiu, foi um sonho que a gente teve*” está pintada em uma das paredes de uma permanente homenagem à Cartola, feita todos os dias, desde que foi fundado, em 2001, por dona Zica, e por seus netos Pedro Paulo e Nilcemar Nogueira, o *Centro Cultural Cartola*.

A criação do Centro Cultural Cartola objetivou realizar um desejo dele, relatado por dona Zica: “Cartola queria que todas as crianças da comunidade pudessem ter um espaço e não vivessem à margem da sociedade. Tenho certeza de que ele estaria muito satisfeito em saber que sua imagem está vinculada a uma ação como essa” (RAMALHO, 2004, p. 39). Zica foi a primeira presidente de honra do CCC, e continua sendo *in memoriam*.

Eleger o Cartola como patrono do CCC reflete o desejo de manter viva a sua história. Além de um dos grandes compositores e divulgadores do samba, constituiu-se como referência por sua luta contra as dificuldades sociais. Por sua cultura e arte, Cartola conseguiu inserir-se na sociedade, transformar sua condição de vulnerabilidade, ser reconhecido e reverenciado.

O CCC constitui uma organização não-governamental (ONG), sem fins lucrativos, com o objetivo de promover desenvolvimento social e cultural. Conta com parcerias com o poder público e privado, para realizar atividades culturais, musicais e esportivas, direcionadas às crianças, jovens, adultos e idosos moradores da Mangueira e de bairros vizinhos, visando o desenvolvimento e reconhecimento de valores culturais e do sentimento de pertencimento aos locais em que vivem.

Desde sua fundação reúne intelectuais, artistas, produtores culturais e formadores de opinião, que se uniram em prol da cultura brasileira, com o objetivo de promover o desenvolvimento cultural e social, preservar as tradições e memórias das manifestações culturais⁴. O primeiro desafio enfrentado pelo CCC foi encontrar um espaço que servisse de sede para o desenvolvimento das atividades propostas. Desde 2003, o CCC ocupa a área de sete mil metros quadrados, que foi cedida pelo Ministério da Cultura. Como Nilcemar Nogueira descreve:

O Centro Cultural Cartola está localizado na favela da Mangueira, no Rio de Janeiro, em um prédio desativado do IBGE. O espaço foi cedido pelo Ministério da Cultura e ocupa uma área de sete mil metros quadrados e, apesar de não ter suas obras concluídas, desenvolve várias atividades como as

⁴ www.cartola.org.br. Acessado: 05/05/2009.

oficinas de música e de teatro que resgatam um pouco da memória de um dos ícones da música popular brasileira e do cenário carioca⁵.

A introdução da entrevista concedida por Nilcemar Nogueira, ao site Gol de Letra, esclarece como surgiu a ideia do CCC⁶:

A inspiração estava dentro de casa. A referência estava na família. O material, guardado em caixas e armários. Só faltava “colocar a mão na massa” e organizar e estruturar o que é hoje o Centro Cultural Cartola (CCC). E foi isso o que fizeram os netos de Angenor de Oliveira, mais conhecido pelo apelido: Cartola. Nilcemar e Pedro Paulo Nogueira descobriram preciosidades que pertenciam ao avô, como letras de música, fotografias, poesias, recortes de jornais, e decidiram, em 2001, que já era hora de criar uma iniciativa que aliasse a defesa da cultura nacional a uma série de atividades de cunho social, combatendo, dessa maneira, a pobreza, a marginalização da população menos assistida, a exclusão social e a falta de expectativas para o futuro.

Para Nilcemar, foi a convivência com Cartola e dona Zica que lhe ensinou o valor de preservar o passado e transmiti-lo aos jovens, para, assim, formar gerações mais conscientes de sua história⁷. Esse é um objetivo claramente percebido na fala de Nilcemar. O CCC oferece atividades musicais, esportivas e culturais, mas, se Nilcemar for questionada sobre sua pretensão de formar músicos ou atletas, ela responderá com a tranquilidade e a firmeza que lhe são características: “Não, eu pretendo formar cidadãos”.

Outro momento que exemplifica essa convicção foi quando a Griô do CCC estava contando a história do poeta Solano Trindade, poeta negro da Baixada Fluminense, e Nilcemar aproximou-se da roda onde estavam as crianças e falou:

O governo deve garantir escola e saúde, mas não dá para esperar o poder público resolver sua vida, nós podemos, através do nosso esforço, mudar a nossa vida. Como o Cartola que nasceu na Zona Sul e teve que vir para a Mangueira, mas não virou traficante ou miserável, mudou sua vida pela arte, não é que todos devam virar artistas, mas fazer o que escolher com arte.

O CCC apresenta como meta a valorização da cidadania, da liberdade, da participação social, do aprendizado musical e da cultura brasileira. Atua em prol do reconhecimento da cultura afro-brasileira, de suas tradições e costumes. Para tanto, o

⁵ Entrevista ao site Gol de Letra: <http://www.goldeletra.org.br/Secao.6,materia.31.aspx#>.

⁶ Entrevista concedida por Nilcemar, no dia 04/02/2004, ao site Gol de Letra: <http://www.goldeletra.org.br/Secao.6,materia.31.aspx#>.

⁷ Entrevista concedida ao Globo.com, em 25/09/2006: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,AA1284910-5606,00html>.

CCC se dedica à educação musical e artística, atuando no desenvolvimento, principalmente, de crianças e jovens, para que eles tenham inserção ativa na sociedade. O CCC atende, de forma direta, uma população de quatrocentas pessoas por mês e, indiretamente, de mil pessoas por mês.

Dentre as atividades ali desenvolvidas figuram a Orquestra de Violino, o Curso de Flauta, o Curso de Teoria Musical, Oficinas de teatro, dança e a Ação Griô, além da exposição permanente da obra de Cartola e da história do samba, abriga um Centro de Referência de Pesquisa do Samba e realiza, anualmente, o Seminário sobre o Samba Patrimônio Cultural do Brasil. Além disso, promove rodas de leitura, mostra de vídeos e debates, palestras e eventos culturais com shows e apresentações. Em 2008, inaugurou o *Telecentro*, e o *Cartola em Forma*, o que alçou o CCC à categoria de Pontão de Cultura do Ministério da Cultura.

Os Pontões de Cultura são instrumentos de promoção do intercâmbio e difusão da cultura brasileira em suas mais diversas linguagens e formas, no âmbito regional ou nacional, geridos por empresas públicas ou privadas sem fins lucrativos, que objetivam desenvolver ações de capacitação e formação de agentes culturais, criação e apresentação de obras artísticas executadas em conjunto, distribuição, comercialização e difusão dos produtos culturais produzidos e organização de atividades que promovam a troca de experiências e a articulação entre os Pontos de Cultura⁸. Com o intuito de apresentar as práticas desenvolvidas pelo CCC, descrevem-se, a seguir, alguns dos seus projetos.

Desse modo, iniciativas como a do CCC procuram encontrar formas para se estabelecerem melhores condições de vida e de bem-estar para a sociedade como um todo, ao incentivar uma compreensão social mais crítica e menos alienada. Suas práticas orientam para o desenvolvimento de um novo nível de atitudes, comportamentos e valores éticos, baseados numa concepção ampliada do que é ser cidadão com autonomia de decisão em suas escolhas cotidianas. “A palavra cultura, no entanto, nada significa para um povo sem perspectivas, sem chances, sem oportunidades, sem esperança”⁹.

Nilcemar acredita que Cartola, Carlos Cachça, Saturnino e outros nomes do samba desenvolveram com a Mangueira um laço de amor e respeito e a tornaram uma grande referência na cidade do Rio de Janeiro e no País. Nilcemar relata: “Eles queriam

⁸ http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/

⁹ www.cartola.org.br. Acessado em 10/06/2009.

que os outros moradores sentissem orgulho do morro”¹⁰. Ainda é possível encontrar um orgulho de ser mangueirense na fala dos moradores; entretanto, Nilcemar considera que, atualmente, há uma falta de referência, na qual “os jovens não têm uma identidade; por isso, é mais fácil assimilar as coisas ruins. Eles não sabem qual o papel que desempenham no meio. Com a violência, eles não estão preocupados em preservar nada”¹¹.

Nesse sentido, as atividades do CCC constituem meio para a integração de uma rede de referências, na qual crianças e jovens aprendem, pela cultura, a exercitarem sua cidadania, ao valorizarem suas produções e reconhecerem a produção do outro, a conviverem com vitórias e derrotas, a vencerem pelo esforço pessoal e a desenvolverem a independência, a autoconfiança e a responsabilidade por seus atos. É um trabalho que vai além de evitar o envolvimento com o tráfico e o crime e que, ao fortificar as relações, a cultura proporciona o livre exercício de escolhas mais conscientes e responsáveis. Nesse sentido, em uma conversa com Nilcemar sobre os objetivos do CCC, ela declara:

O objetivo do CCC é a cidadania, a identidade cultural e social, mostrar para as crianças que elas podem fazer escolhas [...] Eles começam pelo violino, que é algo distante da realidade deles, para eles saberem que, se conseguem tocar violino, quando eles descobrem que não é difícil, eles sabem que podem qualquer coisa.

Percebe-se que o CCC está envolto na possibilidade de ocupar o espaço da cidadania pela apropriação positiva da identidade de ser mangueirense, o que se dá por meio da interação social estabelecida por suas atividades, que influenciam a relação com o processo educacional, com a promoção do lazer e com o conceito de democracia.

A HISTÓRIA VIVA NA AÇÃO GRIÔ DO CENTRO CULTURAL CARTOLA

O Programa “Cultura Viva”, da Secretaria de Programas e Projetos Culturais (SPPC) do Ministério da Cultura (MinC), vem sendo realizado em diversos Pontos de Cultura em todo o país. Um deles é a Ação Griô do CCC. O projeto “Ação Griô – GERAções” promove a troca de experiências entre gerações, por meio da tradição oral, e

¹⁰ Entrevista concedida por Nilcemar, no dia 16/07/2008, ao Viva Favela:

<http://www.vivafavela.com.br/publicar/cgi/public/cgilua.exe/web/templates/htm/princi>.

¹¹ Idem.

incentiva o diálogo e a escuta. As crianças que participam das oficinas realizam atividades coletivas relacionadas às histórias contadas pela mestra Griô. A Coordenadora do projeto no CCC explicou que propõe atividades e deixa as crianças livres para conversarem e fortalecerem os vínculos – estratégia educacional principal do projeto.

O primeiro projeto da Ação Griô aconteceu em Lençóis/BA, o Grão de Luz e Griô, fundado em 1993, como uma pesquisa para tentar reformular a educação. Foi reconhecido pelo MinC como Ponto de Cultura em 2005. Atualmente, eles atendem a cento e trinta crianças e jovens.

Na contramão do cenário contemporâneo de celeridades, a Ação Griô representa uma iniciativa que resgata cantigas e a contação de histórias, realizada numa grande roda, na qual crianças e jovens ouvem a mestra Griô recontar a história de seus ancestrais. A Griô do CCC esclarece o porquê de todos ficarem em roda: “Quando estamos em roda é quando conseguimos ver todos e é assim com o samba de roda”.

Griô significa *contador de histórias*. Trata-se de uma figura mitológica africana, nômade, que percorre as comunidades, transmitindo-lhes conhecimentos pela oralidade e pelas manifestações da cultura popular. A cada geração carrega na memória esse legado: a tradição da história oral. Na tradição africana o Mestre Griô é uma pessoa do sexo masculino, que passa para seu filho a missão de contar histórias. Na tradução brasileira, o MinC exige que seja uma pessoa com mais de sessenta e cinco anos e que seja inserida em atividades culturais, podendo ser homem ou mulher, como é o caso da Mestra Griô do CCC.

A proposta da Ação Griô, de acordo com a mestra Griô do CCC é “de acultramento, saber da cultura da comunidade [...] Vocês [as crianças] vão ser a nova Mangueira e vão saber contar a história dela”. A Coordenadora Pedagógica da Ação Griô expôs a importância do trabalho da Ação Griô para que as crianças aprendam a ouvir, falar, cantar e interpretar e, acima de tudo, trabalhar o resgate da identidade e a autoestima. De acordo com ela, essas são habilidades de grande importância para o desenvolvimento escolar delas. Nesse sentido, as crianças são constantemente estimuladas a se expressarem.

A Ação Griô do CCC iniciou suas atividades em maio de 2007. Em outubro de 2008 a parceria com o MinC foi renovada por mais dois anos. A entidade tem como missão mediar a memória e a produção de conhecimento histórico, ao criar e instituir

uma política nacional de educação, cultura oral e economia comunitária, para o fortalecimento da identidade e ancestralidade de estudantes brasileiros, bem como revisão dos currículos de suas escolas e universidades, por meio do reconhecimento do lugar social, político e econômico de Griôs e mestres de tradição oral do Brasil.

No CCC, a Ação Griô objetiva, pela transmissão oral, preservar e valorizar a história cultural da comunidade da Mangueira, formada, sobretudo, por afrodescendentes, desde as suas raízes africanas até a produção cultural contemporânea. Dessa forma, as crianças conhecem como a Mangueira formou-se, quem foram seus primeiros moradores, a história da fundação da Estação Primeira e seus baluartes. A transmissão da tradição oral funciona como um trabalho de “[...] reconhecimento do outro em suas possibilidades mais dilatadas” (MEIHY & HOLANDA, 2007, p. 40).

A importância de o Griô ser uma pessoa envolvida com as atividades culturais da comunidade ficou evidenciada em uma das oficinas da Ação Griô, na qual o tema versava sobre a história do Delegado, mestre-sala da Mangueira, que, por trinta e seis anos, tirou somente nota dez. Para ilustrar o trabalho, a Griô, amiga pessoal de Delegado, buscou na casa dele um álbum de fotografias que contava toda a sua história à frente da Estação Primeira.

O mestre Griô, mestre da tradição oral da comunidade, transmite seus conhecimentos vinculados à história de sua ancestralidade. Para tanto, é preciso conscientizar-se da necessidade de lidar com as questões relativas à memória e ao esquecimento, suas funções e significados no contexto da história cultural da comunidade. As histórias que o Griô conta não estão nos livros, e sim nas lembranças das relações estabelecidas no decorrer da vida. São histórias da vivência e da convivência, como a Griô do CCC relata em diversos momentos.

A prática do Griô é pautada na confiança de que o ato de contar histórias é um dispositivo de agenciamento de subjetividades fluidas, permeáveis e nômades, em um exercício de práticas subjetivas e de resoluções coletivas de problemas; dessa forma, torna-se possível reapropriar-se e ressignificar situações de vulnerabilidade sociais, desenvolvendo uma nova imagem de si.

Uma antiga regra da *ars memória*, enunciada por Weinrich (2001), consiste em iluminar bem as lembranças, para não deixar que se tornem escuras demais – papel desempenhado pela Ação Griô, no qual acontecimentos da história cultural da comunidade da Mangueira são invocados por meio de atividades e histórias com o

objetivo de *clarear* a memória das crianças que participam do projeto. Pensamento semelhante ao de Weinrich (2001) está presente em Izquierdo, Bevilaqua e Cammarota (2006), ao considerarem que para manter viva a memória o melhor a fazer constitui-se na tentativa de sempre recordá-la.

A Ação Griô do CCC procura formar uma memória, privilegiando conquistas anteriores da comunidade da Mangueira, ao relatar em suas atividades as glórias da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, das Tias da comunidade e de seus grandes compositores, como o Cartola, num claro exercício de fortalecimento do sentimento de pertencimento pela valorização cultural. A todo o momento é ressaltada a importância de valorizar o trabalho ali realizado, por desafiar o estigma, ao tentar transformar os significados inerentes ao fato de ser morador da Mangueira.

A importância de resgatarem-se memórias, papel assumido pela Ação Griô e por outras instituições governamentais ou não, surge de um crescente esquecimento ligado à ancestralidade e à identidade cultural. Tanto a Mestra Griô, quanto os dirigentes do CCC, ressaltam o fato de as crianças e os jovens mangueirenses terem direito ao passado, à memória e à cultura para, assim, serem agentes ativos de sua existência, de seu direito a um futuro.

O trabalho com a história oral faz com que surja a temática da identidade cultural, dado que a História Oral, desenvolvida em projetos como a Ação Griô, constitua meio, no qual a identidade cultural é discutida, trabalhada e alimentada.

A IDENTIDADE CULTURAL NA CONTEMPORANEIDADE

A busca de reconhecimento da identidade cultural, no âmbito social, simbólico ou afetivo representa papel fundamental na vida da pessoa, como afirma Andrade (2003). Pois, de acordo com Woodward (2000), tal busca propicia relativa certeza e segurança diante de um mundo em transformação, fluido e cada vez mais tomado de incertezas. Nesse sentido, Maia e Krapp (2005) descrevem que “a história cotidiana que circula nas ruas da cidade resiste como algo minimamente certo diante da velocidade e da incerteza dos acontecimentos” (p. 35).

O desafio de estudar a identidade cultural na contemporaneidade refere-se à impossibilidade de pensá-la como imutável, atemporal, fidedigna, ininterrupta, e autêntica, como um elo entre passado e futuro. Se no passado, tal perspectiva pode ter sido um mito, na contemporaneidade com certeza o é. As identidades culturais, na contemporaneidade, apresentam-se de formas variáveis, múltiplas, com inúmeras constituições possíveis, e são decididas pelos indivíduos, que transitam *livremente* por um mundo cada vez mais sem fronteiras claramente definidas. Canclini (2007) salienta que a formação das identidades culturais se dá por meio de processos virtuais e universais resultantes das tecnologias e organizações globais, que alcançam todas as partes do orbe.

Bloch (2006) destaca que um desejo que se manifesta muito cedo no ser humano é o desejo de se encontrar com ele mesmo. Mas há uma dúvida de quem ele seja. Existe um sentimento intenso de iniciar algo que comece a partir de si mesmo, um desejo de viver conforme seus aspectos mais íntimos. Momento em que se evidencia um desconforto pela indefinição, como o adolescente que cada dia *é um* diferente. Dessa forma, conclui o autor: “nesse estado o ser humano está na ponta de sua própria língua, só não sabe ainda qual será o seu sabor” (p. 10).

A identidade está vinculada à referência ou reconhecimento de algo no qual a pessoa realiza a identificação, como nome, filiação ou impressão digital. Refere-se à semelhança, permanência, reconhecimento, algo que pré-existe à pessoa, que provém da sociedade, confere à pessoa um lugar na estrutura social e define sua pertença a um grupo.

A identidade constitui o referencial propiciador do conceito e da imagem de si. Hall (2000) assegura que a identidade, para existir, depende de outra de que ela não dispõe algo fora dela, mas que forneça as condições para que ela *seja*, o que a torna relacional. Em consonância com a afirmação de Hall (2000), Bhabha (1998) já havia postulado que, para além da identidade, o próprio existir se constitui em relação a uma alteridade, isto é, “é uma demanda que se estende em direção a um objeto externo” (p.76).

Ewald e Soares (2007) consideram que as identidades dizem respeito às zonas de interseção, isto é, espaços distintos em que a subjetividade pode ser compartilhada em grupos de interesse, como no futebol, no bairro, na cidade, nas afinidades políticas e em outros espaços que estejam abertos à coletividade e à singularidade. Na constituição da

identidade, valores e crenças sociais são partilhados por aqueles que dela fazem parte, afirmam Ewald e Soares (2007), o que os mantém próximos de seu tempo e de sua condição, e torna evidente que a pessoa é relativa à sociedade em que está. Sendo assim, percebe-se uma relação entre identidade pessoal e identidade cultural, concluem os autores.

De acordo com Bauman (2005), no mundo contemporâneo “das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis” (p.33), não é mais possível conceber as identidades, como se imaginava antes, as identidades não funcionam de forma intransigente e sem negociação. No momento atual, as identidades são marcadas pela liberdade de escolha individual, continua o autor. Para Canclini (2007), em especial, o espaço sociocultural latino americano permite a convivência de diversas identidades culturais e, como resultado, as identidades, que se estabelecem como fruto de narrativas e atuações, se dão de forma menos monolíticas.

Essa identidade contemporânea, descrita por Canevacci (2005), foi definida por Bhabha (1998) como uma identidade diferencial, na qual há uma negociação e uma regulação constantes com o espaço, que por sua vez, está continuamente se abrindo, reconstruindo fronteiras, expandindo limites diante da mínima argumentação de um signo de diferença, como os de raça, gênero ou classe. Revelando, de acordo com Bauman (2005), a natureza provisória da identidade, bombardeada pelas inúmeras ofertas culturais expostas quase como em uma vitrine.

As identidades culturais, como Canevacci (2005) observa, cada vez mais exploram discursos, estilos, visões, percepções, estéticas e criações. O que as tornam identidades experimentáveis, ilimitadas, indeterminadas e enigmáticas em seus desenvolvimentos. Perspectiva corroborada por Bauman (2005) quando assinala que a constituição da identidade tornou-se uma infinidade de experimentações, que nunca cessam. Com o intuito de elucidar sua concepção acerca dos experimentos da identidade, Bauman (2005) escreve: “você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida” (p. 91).

CONCLUSÃO

A realização do Grupo Operativo propiciou perceber que as crianças que frequentam a Ação Griô do CCC, apesar de conviverem com uma realidade de vulnerabilidade, conseguem apreender fatores positivos em relação à Mangueira e a suas vidas. As discussões propiciadas pelas atividades do Grupo Operativo possibilitaram que as crianças expressassem a sua visão de mundo e sua expectativa em relação ao futuro.

Observa-se que a identidade cultural das crianças está construída em uma base que não permite ingenuidades ou ilusões, mas admite a possibilidade de sonhar, com a certeza de que realizar sonhos significa esforçar-se de forma responsável e crítica. De certa forma, alguns sonhos já se concretizaram, talvez muitos não pudessem acreditar que eram capazes de tocar violino, flauta ou piano. Talvez fosse difícil imaginar que poderiam se apresentar em lugares como no Teatro Municipal, no Canecão, ou ainda no programa Mais Você. Há ainda, a realização do sonho de descobrir que existem outras possibilidades de crescimento que não estão associadas à violência ou ao tráfico.

Para finalizar, acredita-se na importância de propiciar o acesso à informação e à cultura. Por configurar-se em uma possibilidade de despertar, nas crianças e jovens, uma atuação social consciente, sensível, responsável e crítica, ao formar uma identidade cultural vinculada ao território que se vive. Nesse contexto, as práticas como as da Ação Griô do CCC exemplificam uma luta resistente de preservação e reapropriação da cultura mangueirense, por estarem envoltas na possibilidade de ocupar o espaço de cidadania cultural, pela apropriação positiva do território ocupado e pelo fortalecimento da identidade cultural de ser Mangueirense, e assim, influenciarem a construção da subjetividade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Regina G. N. *Personalidade e cultura: construções do imaginário*. Rio de Janeiro: Revan-FAPERJ, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. *O lugar da cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998.

BLOCH, Ernest. *O princípio esperança*. V. 3. Rio de Janeiro: EdUERJ/Contraponto, 2006.

CANCLINI, Nestor. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CANEVACCI, Máximo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CONSTANT, Flávia M. *Tantinho, memória em verde e rosa: estudo do processo de construção de uma memória da favela da Mangueira*. 2007. 225 f. Dissertação (Mestrado em História, Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação Histórica, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2007.

COSTA, Maria A. N. *Samba e solidariedade: capital social e parcerias nas políticas sociais da Mangueira*. Rio de Janeiro: fabrica de Livros, 2002.

EWALD, Ariane P.; SOARES, Jorge C. Identidade e subjetividade numa era de incerteza. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 12, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2007000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 Ago 2008. doi: 10.1590/S1413-294X2007000100003

IZQUIERDO, Iván; BEVILAQUA, Lia R. M.; CAMMAROTA, Martín. A arte de esquecer. *Estud. av.*, São Paulo, v. 20, n. 58, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300024&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 Jul 2008. doi: 10.1590/S010340142006000300024

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MAIA, João; KRAPP, Juliana. Comunicação e comunidade: novas perspectivas das sociabilidades urbanas. In: FREITAS, Ricardo F.; NACIF, Rafael. *Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 31-45.

MEIHY, José Carlos S.; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

RAMALHO, Monica. *Cartola*. São Paulo: Moderna, 2004.

WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.
In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 07-72.